



Angelo Santiago



**POEMAS P/ DAR  
DE PRESENTE**







## **Governo do Estado do Espírito Santo**

Governador  
José Renato Casagrande

Vice-Governador  
Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura  
Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura  
Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural  
Christiane Wigner Gímenes

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas  
Nádia Alcure Campos da Costa

## **Instituto Sincades**

Presidente  
Idalberto Luiz Moro

Gerente Executivo  
Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos  
Ivete Paganini

Coordenador de Projetos  
Danilo Pacheco

Jornalista  
Silvana Sarmento Costa

Analista de Projetos  
Livia Caetano Brunoro

Assistente de Projetos  
Patrícia Soares





Angelo Santiago



**POEMAS P/ DAR  
DE PRESENTE**

SECULT  
Vitória - ES  
2013





© Secretaria de Estado da Cultura, 2013  
Governo do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Márcia Selvátice Tourinho

REVISÃO  
Nelson Martinelli Filho

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
Comunica com  
Natália Zambomingo

CAPA  
Ricardo Gomes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
Gráfica JEP

TIRAGEM  
1 000 exemplares

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)  
(Biblioteca Pública do Espírito Santo)

5235p Santiago, Angelo

Poemas para dar de presente. / Angelo Santiago.  
– Vitória: Secult-ES, 2013

142p  
ISBN 978-85-64423-22-0

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1





## PALAVRA DO GOVERNADOR

### A DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO E DO SABER

Entre tantas contribuições importantes que o Espírito Santo tem oferecido ao Brasil, destaca-se – no campo cultural – uma literatura da mais alta qualidade. E os livros selecionados para publicação em 2011 e 2012, a partir dos editais da Secretaria de Estado da Cultura, reiteram essa vocação capixaba e constituem excelente mostra da nossa atual produção literária. Entre os autores, alguns já são conhecidos do público, e outros vivem sua primeira experiência de publicação, mas todos têm algo em comum: a vivência da realidade capixaba. Essas obras literárias vão somar-se a dezenas de outras que, no passado, traçaram um perfil inesquecível do nosso povo, com seus sonhos, trabalhos e conquistas.

Por entender que a literatura retrata um momento do nosso processo de evolução cultural, econômica, social e política e, ao mesmo tempo, estimula o diálogo entre o presente e o futuro, nesses dois anos e meio de gestão ampliamos a abrangência e mais que duplicamos o número e o valor global dos Editais. Passamos de 18 Editais, em 2009, para 41, em 2013. E os recursos, que antes somavam R\$ 3,2 milhões, foram elevados para R\$ 8,5 milhões. Trata-se de uma forma democrática e transparente de apoiar nossa produção artística e cultural e de fortalecer a identidade capixaba.





Os livros agora lançados serão distribuídos em todo o Espírito Santo e entregues a bibliotecas e escolas da rede estadual, onde um público em formação terá acesso a obras que nos ajudam a compreender a realidade do nosso tempo. Além disso, o projeto Biblioteca Móvel, que faz parte das ações do Estado Presente, levará esses livros às regiões em situação de risco social, enquanto o projeto Biblioteca Transcol colocará um acervo de 12 mil livros à disposição dos usuários do sistema de transporte público, em dez terminais rodoviários.

Com esse tripé de valorização do livro e da leitura, estamos criando uma nova geração de leitores, disseminando a obra, o pensamento e o exemplo dos nossos melhores escritores, e reforçando o interesse pela literatura entre aqueles que nem sempre dispõem de recursos para adquirir os livros recém-publicados. Assim, enquanto construímos juntos o futuro do Espírito Santo, a literatura vai ocupando posição cada vez mais destacada no esforço coletivo de democratização do conhecimento e do saber.

**Renato Casagrande**  
Governador do Espírito Santo





## PALAVRA DO SECRETÁRIO

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

Por isso, causa-nos causa especial satisfação publicar os livros agraciados pelo Edital de Publicação da Secretaria de Estado da Cultura, exercícios 2011 e 2012. As narrativas curtas e longas, as poesias e as crônicas que compõem esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Diversa em estilo e abordagem, visão de mundo e conteúdo. Publicar esses escritores é dar voz a essa multiplicidade de correntes de pensamento, que em um vasto diapasão estético e filosófico nos entretêm e revelam. E nos alimentam razão e sensibilidade. Levar essas obras aos leitores da Região Metropolitana da Grande Vitória e ao interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano por meio da promoção da arte e da cultura.

A diversidade dessas obras nos colocou diante de um instigante desafio, que foi formatar edições que dialoguem com formas peculiares e conteúdos distintos em cada gênero literário abarcado. Essa heterogeneidade é fruto do trabalho de autores com singularidades que se refletem nesses próprios conteúdos e





formas. Isso levou a um atraso no cronograma das publicações. Por isso, optamos por lançar, no mesmo semestre, as obras agraciadas de 2011 e 2012.

Essas mesmas obras serão distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. As instituições que receberem esses livros passarão a ter em mãos uma potente ferramenta para desenvolver em seus frequentadores e alunos o espírito crítico, a tolerância, a compreensão de mundo necessária à construção de uma sociedade mais justa e feliz.

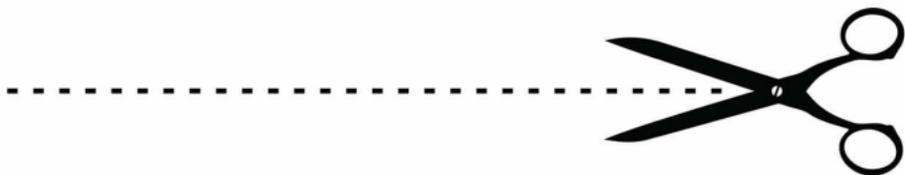
Esse trabalho é realizado em sinergia com as políticas do livro e da leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel, que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória, dentro das ações do Estado Presente, e a Biblioteca Transcol, que disponibiliza acervo de 12 mil livros aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados por esses autores sejam plenos de novas descobertas.

**Maurício Silva**

Secretário de Estado da Cultura









de receitas várias provarei sabores  
feitos à mão para textura de língua  
pratos com nomes oníricos e  
ingredientes de invencionice







(

palavra é bicho solto  
não se cria em cativeiro  
a poesia não quer ficar confinada no livro  
quer ganhar o mundo

VOO LIVRE

)







esta página contém um poema:

☐  
contenha-o

☐  
( )





segure o poema com as duas mãos e nunca o solte

( )

largue o poema para que outro o encontre

( )





não sei cantar  
sei o verso invertido  
inventado pervertido

não sei contar  
sei o número impreciso  
um dois zero







## achados e perdidos

perdi meu nome entre outros  
escritos numa folha de papel  
perdi meu rosto entre tantos  
anotados no meu rosto e um poema  
entre poemas que guardara na  
memória







## anjo no espelho

um anjo no espelho  
me mostrou o mundo  
do outro lado do mundo:  
céu terra e inferno  
parteiro da incerteza  
caixeiro-viajante do delírio  
me mostrou resquícios de poesia:  
divino profano e infame

um anjo no espelho  
velha poetisa feminina  
me mostrou as calcinhas sujas  
me mostrou a árvore por detrás das uvas  
as chuvas por detrás da nuvem:  
e que loucura essa bruxa santíssima  
que de palavras se assassina:  
anjo mensageiro e desvairada  
não tem pronome nem mote  
mas tem a morte florida e alada:  
meu segredo minha memória minha casa:  
espelho livro casca







## metodologia

no meu jardim não há flores  
sou eu quem planto  
minha música não tem som  
quem canta sou eu

na minha poesia nada rima  
eu sou aquele que prima  
pela obra  
e, ora  
o poeta não tem hora







## poema manifesto

a nossa língua ela  
tem um som ela  
tem um tom ela  
tem um dom de  
ser dona da língua sem dono de  
ser tão linda que canta a palavra  
a nossa língua que é  
virgem e diariamente violada  
(promiscuidade purista)  
a nossa língua política  
poética-partidária  
não pode ser reacionária nem arbitrária  
tem que ser LIBERTÁRIA  
*línguademocrática*  
antidogmática  
antiparadigmática  
língua de oficinas e garagens  
cheirando a feitura  
cheirando a concerto  
a conceito  
a língua no

PRESENTE-MAIS-QUE-PERFEITO







cada poema é um parto  
de risco, tudo começa com  
um risco uma sílaba um som  
que invade a página o quarto  
o sonho, e se revela:  
membro por membro  
sexo por sexo  
abre-se oferecido às  
luzes olhos ouvidos  
e nasce  
já pronto já feito  
poema de cabeça tronco e membros  
*poemavoz*







outro dia um poema entrou pela janela  
e pousou sobre o parapeito como se fosse  
uma poeira fugaz e levemente incômoda:  
poema incrustado  
eu, poeta novo, não sabia se o soprava  
dissipando sua matéria e seu nexo  
ou se o deixava assentar, formando um  
corpo original autêntico corpo casual e disforme

assim nasce a poesia:

*poema entulho*







e se

se fosse poesia, eu acreditaria em deuses  
como acredito na palavra: é sólida a sílaba  
que desponta em minha boca, sólida como  
uma pedra entre folhas de alfáce

se fosse poesia, seria eu a outra página  
fantasma do poeta que  
outrora outrem  
sonhara

se os aviões riscassem os céus  
como riscam as pista de pouso  
se suas unhas desenhassem bosques  
em relevo no meu corpo...

se fosse poesia, nunca seria pouco







## minimalismo

o poema mínimo









o lavrador lava o livro

lava o livro livre

livra a

larva

lavra







... vendo vento vento voa

voO

voou

voU

vem







acorda  
a cor do  
sol





luz  
incendiária  
abre os  
olhos  
casamata





verde

ver de

novo:

verde

folha







descalço

calço a

calçada

caminho





encontrei o centro  
do lado de dentro  
entro:







de passagem  
tudo eternizo







cactos  
concatenados  
desejo deserto  
pedregulho  
bebo entulho  
e terra seca  
embrulho







depurar até poesia ser  
pura

aprendo fazendo







querência de querer ser  
querer dar receber  
querência de ser absorver  
querer

querência de abraço  
    amasso  
    amasse  
seria querer

ao passo que o  
    passo:  
    passou

vívida  
vi da







## corpo

o corpo é pouco é parco é gasto

o corpo é porco é tosco é fosco

corpo tem cor-

po corpo tem

tato

pêlo pele falo

o corpo exala enlaça o corpo

é quarto e sala

o corpo é fraco é frasco

o corpo é o talo da alma

o corpo não acalma – tráfico tráfico tara

o corpo dobra

e goza

corpoclaro

corpofacho

corpochama

o corpo chama clama

corporifica e

fica:

baila







a rua é a página onde  
a gente escreve o  
corpo no  
mundo







o tempo passa lento como  
um rio que não quer  
chegar ao mar







cultivo silêncios  
pra me ouvir  
em mim







## primeiro poema do dia

e vejo quando acordo: meus olhos  
banhados de sol: manhã dourada  
preenche a casa ilumina a sala de  
fruta e água uma flor da boca e  
janelas saudando o dia

r a i a r







A M A R E L-  
O M A R  
A M A R





quem me dera ser a duna  
ser o dono da verdade  
ser a vontade do dono  
da espuma da praia da boca







o mar vem quebrar em  
meus olhos

arrebenta  
atlântico  
pupilas  
&  
papilas  
faz uma  
espuma  
que  
be  
i  
ja  
a íris  
a ilha







hai-kai de verão  
onde onda anda  
sol sua soa só  
saia praia  
p a z







## instruções para haikai de verão

dobrar o mar dentro de  
uma folha de papel: o sol

guardar o sol na bolsa de  
praia de palha: a duna

deslizar pelas dunas para  
dentro do livro: o mar







## naufrágio

essa onda vem deitar em meus pés  
molhar meus olhos de espuma e  
de bruma  
me embrulhar os cinco sentidos  
(e acrescentar outros)  
essa onda me carrega pra  
avenida atlântica  
nossa senhora dos destrambelhados  
me derrama  
cicatriz  
asfaltomar

essa onda  
me levará a Moçambique  
me deixará a pique:  
pronto pra próxima







tudo que disser: metade sonho metade beijo  
tudo que quiser: um dia inteiro (sol nascendo  
no leste, cruzando céu e se pondo a oeste)

dissera que quisera: químera. quisera dizer  
mas noite próxima sufocou a palavra, ficou  
a boca meio aberta prestes a.....







pele da  
perna  
morena  
bermuda  
quadriculada  
preta & branca  
morangos vermelhos  
nas mãos & na boca

sugo suco sujo







## poema sob encomenda

quer um poema? me dê um tema!  
meu amor eterno ou subalterno  
não chegam nem perto  
do que eu quero

seu poema eu não escrevo:  
desenho no seu corpo  
com meu corpo  
acha pouco?  
mais 1:00 minuto e eu fico louco







nessa música você  
mora nesse filme  
você vive nesse  
livro







## contagem regressiva

divido o dia em horas  
e as horas em minutos  
e os minutos em segundos  
que faltam pra te ver







### última demão

e por acreditar no amor  
pintei meu coração:  
três cores e um traço no meio:  
amarelo, laranja, verde-limão  
as bandeiras fabricam o vento







*sexy poem*

a boca mira o corpo  
com a mesma sede  
que deseja um copo

de longe  
a boca tange  
bordas & contornos  
e o atinge  
em cheio







passa um rio  
da boca ao sexo

meandro  
ME  
ANDO







o abismo não fica na ponta dos pés  
fica *entre* as pernas  
fincado entre dois lados  
como asas do infinito  
não sei se é bonito ou louco  
me lançar neste precipício  
que leva ao seu nome  
(foi na linha divisória que você  
desapareceu: metade lá,  
metade cá, era já  
outra coisa  
uma coisa  
que só as linhas imaginárias  
podem dividir)  
o que há é este penhasco que se fende  
antes que a palavra se pronuncie  
estas estrofes que despencam  
antes que se formem:  
meus beijos dormem  
antes que te beijem







abri minha casa pra você  
abri sala quarto e coração  
abri meus olhos pra te ver:  
você                      voou







## amor diletante

pisar firme o chão num pinote  
viver a liberdade de um caixote  
fruir a riqueza de um pixote  
ser realista como quixote







3x4

não sou ninguém  
que você conhece  
nem quem se parece  
com quem sabe  
tão bem

sou outra pele  
e outra verve  
duas sombras  
do mesmo corpo  
imberbe

rezo para outro deus  
na mesma igreja  
em que você reza







**(restos, rastros.**

estou perdido. perdido na escuridão que eu plantei pra mim.

botões de flores tão feias que pego pelo espinho.

*sangue colore.*

a noite todos os gatos são selvagens.)

(estou perdido na escuridão que eu desenhei

mesmo sem saber desenhar:

um degrau para cair no local exato de pôr os pés,

paredes em cascata, engodo e construção.

miro o espelho e não tenho certeza do que vejo.

no escuro, é só uma camada de sombra

sobre outras camadas de sombras.)







## fundo do poço

a última das sete vidas do gato







tenho a boca rasgada  
pelo riso que não rio







## decalque

embaralhado  
sigo o som dos cheiros  
o sabor do tato  
caminho sem mover os olhos  
abrolhos cascatas alçadas

contíguo ao desvario  
piso firme o intermitente  
que me interrompe  
me rompe  
irrompe e me preme

sobre a calçada desdentada  
sem palavra sem discurso  
sem entrada  
tornado paisagem no tempo  
rumino minhas  
esperanças  
andanças  
profanas







## cidade momentânea

a cidade arde sob a carcaça dos carros

a cidade cinza a cidade cínica de fuligem espectral

a cidade parece um homem esartejado na

madrugada com suas vias expostas e calçadas rasgadas

a cidade se fabrica de culpa e descompasso







## cartografia afetiva lado b

de longe um contorno  
no entorno transbordo  
de pontes e janelas e cadeiras e beiras e cais e  
no entanto nem eira nem beira  
na praça costa pereira  
sob luzes tênues e fumaças de carro  
sem nome nem idade nem cidade habitada  
miro a baía emporcaldada de  
dejetos abjetos objetos humanos:  
a cidade abre a boca de baía insalubre  
para um beijo asqueroso e apaixonado

o céu é azul, pode ser azul  
talvez seja castanho escuro  
(olhos familiares)  
película fixa contra a qual se projetam  
edifícios rígidos e melancólicos  
emudecidos na paisagem de  
vidro e cimento

- eles não sorriem – diz o mambembe  
sem rosto nem gosto  
de nada na boca





( o sol arde os concretos  
e paralelepípedos tépidos – trepido )

o porto é um monstro quase bélico  
de ferro e ferrugem  
porém belo enquanto intruso  
pedaço da gente que se faz de aço  
e não cede

onde está o mar e a luz de Guanaaní?  
os cheiros de vento e folha e terra e pele  
cheiro de gente e água e flor e fruta  
onde estão os chãos molhados  
e as árvores-arranha-céus?  
agora espigões ruminam casinholas  
anacrônicas lacônicas ruelas coagulam  
a saudade a cidade a saudade  
a cidade partida ao meio  
entre fagulha e madrugada  
viu ser extorquida sua caligrafia  
sinuosa e insinuante





sertão bonito não tem cor definida:  
tem uma ferida que nunca descansa  
rios provisórios secam antes do tempo  
choro de despedida é perene e não embota







árvores alinhadas não fazem estrada.  
estranho é ter que pisar pé no chão.  
cada semente, um voo.  
sombrias gotejando feito fio d'água.







qualquer coisa que eu disser agora vai ser quase outra coisa, um cigarro aceso no outro e a mesma música repetindo várias vezes, (o que eu sou, o que eu fui, o que eu serei), manhã fósca brotando depois da madrugada, o copo vazio ficando cheio, meio sorriso/ sorriso inteiro, a metáfora da metáfora da metáfora, a versão da versão da versão (subversão), a fronteira da fronteira e etc.

*rabisquei seu nome por engano, só desculpa pra escrever,*

qualquer coisa que eu disser agora vai ser quase a mesma coisa que,

*vi você passando do outro lado da lua e...*

a idade é um número cravado no corpo; já alma não tem idade: há que levá-la sempre jovem enquanto houver, coisa demais que cabe no coração pesa corpo inteiro, pés fincados, cabeça às toneladas, luz sonora na arrebentação desce escada estraçalhando beira-mar, chegou quem não queria chegar, (será que existe arco-íris depois do pote de ouro?) não confundir janela de abrir com janela de fechar,

*o que se vê de fora/o que se vê de dentro/o que não vejo invento,*

travessia feita/tempo findo/outro dia, gravador em punho gravando as vozes do mundo, missão de atravessar a noite atravessar a cidade atravessar a vida (como podemos atravessar o que nos atravessa? perfurar e ser perfurado, mover e ser movido),

*certa é a invenção do amor inversão do amor diversão*





nós temos histórias pra contar, histórias pornográficas existencialistas histórias de corpos em rota de colisão que outra coisa podem começar derepentederepente explodir fazer voar pelos ares tudo em forma e força de luz, uma caravana inteira de algazarra barulho e música colorindo a natureza e deixando pra trás só sorrisos e cabelos desgrenhados e *sementelabareda repalavra quaseisso*, qualquer coisa que eu disser agora vai ser

!





### diário de viagem na 3ª pessoa

\_\_\_\_\_ anda pela estrada que não sabe onde dá, no fim disso tudo vai mergulhar no que houver do outro lado, seja água ou chão de terra, conta 1 2 3 sem pensar em números, já está lá.

(desacordou atônito até não mais saber, por isso guardou calado as impressões colhidas no caminho.)

é no mínimo insólito, \_\_\_\_\_ anda pela estrada que não sabe onde dá, no fim disso tudo vai voltar ao começo desacordar atravessar \_\_\_\_\_ e nunca mais parar de correr e correr e correr e correr e correr e correr e correr até chegar ao ponto de partida: aí sim começar.

“um homem na estrada (um homem ou um fantasma?) tinha conselhos para dar. não ouvi.”

resultado se presume: fatalismos, diagnósticos imprecisos, péssimas drogas. ainda assim, era bonito tirar fotografias. era

*não é som de chuva seu sussurro me assusta*

“vai para um lado, eu vou para o outro, caminhos se cruzam.”

a imaginação nunca para de trabalhar. conta 4 5 6







## flexa flecha

minha perna não vai tão longe, mas te alcança.  
tu és minha rocha, minha rocha, minha rocha  
que voa.

me equilíbrio no fio do corpo dobrado.  
ponho em movimento *ladodentro* e *ladofora*.  
respiro o ar que está em volta. outra planta  
vai nascer em minhas costas.

“posso acender a luz? a luz  
que sai do teu olho.”

não ligo para horários. toda hora é 7:30







um pássaro é uma bomba prestes a explodir  
tece na retina o disfarce da imagem

\ /

*voarilho*







descaminho terreno baldio descaminho atalho descaminho  
peregrino outro caminho estrada aberta devagarinho...







andando a gente chega lá  
e chega descansado, tendo  
aproveitado a viagem

correndo a gente já passou  
e nem viu







com o coração mais leve  
fica mais fácil caminhar

conto meus passos fazendo  
rimas na calçada que a  
noite tenta engolir

adormeço







## oração para dias felizes

o amor tem vitaminas. seja o amor  
alimento neste dia. amor pela vida,  
que mesmo ferida respira, medita,  
lembra e planeja. seja a vida hoje  
e sempre energia suficiente.







quanto mais você inventa a vida  
mais a morte te desinventa







## as vozes, o tempo

quem falou primeiro foi o dono das palavras – pessoa desconhecida.  
disse: “nada mais”. menos não disse. desdisse.  
cavou cova, vagou mundo, riu-se.

quem primeiro ouviu foi sonhador avulso. escolheu um entre outros,  
o mais confuso, o mais certo, o mais. dobrou página para ler  
depois. dormiu, acordou, a palavra ainda estava lá.

só muito depois muito depois outros ouviram, outros falaram,  
outros tentaram sonhar.

lembrar é reescrever.







faço caderno na língua  
escrevinhadora de desejos  
vou aonde está  
rabisco





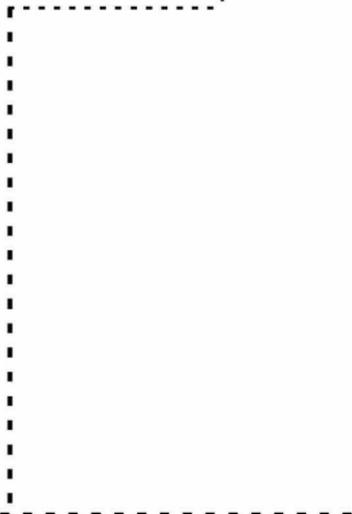
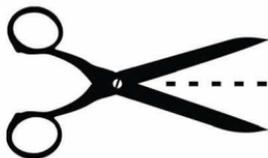
e sigo escrivanhando  
esculpindo repalavra  
absurdo quaseisso  
pra manter mente afiada  
esqueço o resto e o resto  
do resto do resto  
página nº zero







ANGELO SANTIAGO FEDERICI  
COUTINHO nasceu em Vitória,  
em 1981. Estuda Letras -  
Português na Universidade  
Federal do Espírito Santo  
(UFES). *Poemas para dar de  
presente* é seu primeiro livro.



APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO



SECRETARIA  
DA CULTURA

